

## Francisco Nuk

Belo Horizonte, Brasil, 1990.

Filho de um artista e uma galerista, Francisco Nuk foi desde a infância introduzido e estimulado a estudar diferentes manifestações artísticas, do Barroco, característico de sua região de origem, ao contemporâneo, expressão produzida pelos pais.

Na adolescência teve seus primeiros contatos com a marcenaria fina. Passou o começo da fase adulta viajando e fazendo extensos estudos sobre a madeira, instrumentos e técnicas aplicadas.

De volta ao Brasil, trabalhou na produção das obras de seu pai e estruturou seu próprio atelier. Durante o período foi incitado à criatividade crítica e estimulado à produção de um trabalho autoral que se manifesta a partir da mescla de suas raízes mineiras e dos questionamentos em torno da função do objeto e sua imperativa utilidade.

“No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte”, afirma o filósofo Nuccio Ordine<sup>1</sup>.

Renegando o utilitarismo e influenciado por diferentes correntes, do pós concretismo brasileiro à arte conceitual de Joseph Kosuth, a obra de Nuk remodela aquilo que nos entorna fazendo dos objetos parte de uma experiência artística. O artista arqueia, torce, enverga o objeto, desvencilhando-o da utilidade, assim como a poesia desvirtua palavras em imagens.

Em seu livro “O Guardador de Águas, Manoel de Barros poetisa que “Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam. Quando a rã de cor palha está para ter — ela espicha os olhinhos para Deus. De cada vinte calangos, enlanguescidos por estrelas, quinze perdem o rumo das grotas. Todas estas informações têm soberba

desimportância científica – como andar de costas.”

É nas dobras das atividades consideradas supérfluas que surge a obra de Francisco Nuk. Tal qual o poeta, ele sabe que o abrir mão do desimportante, do inútil, sem utilidade, pode colocar em risco não só a cultura, mas também a imaginação e a própria condição humana.

1. A Utilidade do Inútil: um Manifesto - Nuccio Ordine. Editora Zahar.

## **EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS**

### **2022**

A Forma não Cumpre a Função, CCBB Brasília, Brasil

A Forma não Cumpre a Função, CCBB Belo Horizonte, Brasil

### **2021**

A Forma Não Cumpre a Função - Galeria Radiante

Fio: Gaveta de si, Ofício de ser - Galeria Lume

## **EXPOSIÇÕES COLETIVAS**

### **2022**

Coletiva, Espaço Iti, Lisboa, Portugal

Coletiva, Espaço Z42, Rio de Janeiro

### **2021**

Real Fake - Galeria Lume